

BA's massacram dezassete aldeões

• Cinco feridos e 126 palhotas queimadas

Dezassete camponeses foram mortos e cinco outros ficaram feridos, quando bandidos armados assaltaram a Aldeia Comunal de Mugerenge, a cerca de 20 quilómetros de Chimoio, a capital provincial de Manica, na região central de Moçambique. Segundo disseram à AIM sobreviventes do massacre, este deu-se pela zero hora e quinze minutos do dia 15 de Outubro, tendo os assaltantes queimado 126 palhotas.

Não foi precisado o número de bandidos que participaram no assalto, mas residentes de Mugerenge afirmaram que eles ultrapassavam os cinquenta. Acrescentaram que depois de dispararem a fim de reconhecer a localização de uma pequena unidade de forças locais que se encontrava perto, os bandidos evitaram-na, tendo-se dividido em quatro grupos que assaltaram a aldeia em quatro direcções.

A AIM soube também que os bandidos utilizaram, durante o massacre, armas de grande calibre, como «bazookas» e morteiros.

A AGRICOM é uma empresa estatal de comercialização agrícola, de modo que artigos tais como catanas, vestuário e sal, roubados dos seus armazéns naquela aldeia, destinavam-se à próxima campanha de comercialização.

A escola primária e o posto de saúde locais, construídos inteiramente pelos próprios camponeses, foram também colocados sob o fogo dos bandidos.

TESTEMUNHO DE SOBREVIVENTES

Carlos Araújo, de 38 anos, outro

no do Centro Educacional de Marena, situado a pouco mais de um quilómetro da aldeia que, em consequência do massacre, ficou órfão de pai, tendo perdido ainda um irmão. «Eles eram dois, forçaram a porta da casa e depois começaram a disparar sem parar», disse.

Os residentes de Muerenge informaram também que um casal de velhos, de idade avançada, morreu carbonizado quando a palhota onde se encontrava a dormir, pegou fogo.

Um outro residente da aldeia de Mugerenge, foi morto à catanada, quando reclamou, já desesperado, contra o assassinato de sua mulher.

MATARAM MEU MARIDO E MEU FILHO

No hospital de Chimoio, a AIM encontrou a senhora Elisa Florindo, mãe de Castigo Paulino, que afirmou: «Escapei milagrosamente. De qualquer modo, a morte do meu marido e do



Uma das casas queimadas pelos bandidos armados na Aldeia Comunal de Mugerenge

Foram igualmente disparadas balas incendiárias para queimar a maior parte das palhotas.

AUTÉNTICA CHACINA

Noutras palhotas, disseram ainda os sobreviventes, os bandidos realizaram uma autêntica operação de chacina, atirando friamente contra as suas vítimas, a escassos centímetros destas.

«Enquanto uns disparavam», disse José Araújo, de 52 anos, camponês, residente naquela aldeia, «os majibas» (colaboradores) entravam nas casas, roubando tudo o que conseguissem. Muitos residentes afirmam que acções deste género só são possíveis com a complicitade de indivíduos que residindo na aldeia, colaboram com os bandidos.

Prosseguindo o seu relato, José Araújo afirmaria: «depois entraram no armazém da AGRICOM, donde roubaram uma caixa de catanas, vários sacos de mapira, milho, sal, e diversas peças de vestuário antes de o queimar».

sobrevivente, disse: «Quando ouvi os primeiros disparos fugi e fui-me esconder no mato. Eles (bandidos) entraram na minha casa e roubaram muita coisa».

No Hospital Central de Chimoio, a AIM contactou Mandigo Valentim Jeque, de 35 anos, hospitalizado em consequência de ferimentos que lhe foram causados durante o massacre. Ele disse: «Estava a dormir, quando comecei a ouvir disparos. Eu e minha mulher tentámos fugir, mas ela foi mortalmente atingida». Prosseguindo, Mandigo Jeque acrescentou: «Dois dos meus filhos também foram assassinados, e na casa da minha mãe, a escassos metros da minha, ela foi morta juntamente com as minhas duas irmãs e um sobrinho».

A certa altura, Mandigo foi agredido pelos bandidos, depois de protestar contra estes, que se preparavam para assassinar friamente a sua filha de menor idade. Esta atitude de Mandigo salvou a vida da pequena.

Um outro sobrevivente, também hospitalizado no hospital de Chimoio, é Castigo Paulino, de nove anos, alu-

meu filho foram uma grande tristeza».

«Os bandidos não escolhiam o alvo, disparavam em todas as direcções mas pararam depois de algum tempo. Pensaram que estávamos todos mortos, e perguntaram se era necessário queimar a palhota. Um deles disse finalmente que uma vez que estávamos todos mortos, não havia interesse em queimar a palhota», disse Elisa Florindo.

Antes do assalto, a aldeia de Mugerenge possuía uma população de 1844 pessoas, basicamente camponesas.

Com a ajuda do Governo Provincial de Manica e de algumas empresas ali estacionadas, os aldeões de Mugerenge já se encontram numa fase bastante avançada para a reconstrução da sua aldeia. Porém, os alunos da escola primária local ainda estão a utilizar as instalações do armazém da AGRICOM, que ardeu apenas parcialmente. Este foi um dos últimos alvos a serem queimados pelos bandidos, para permitir aos «majibas», que retirassem tudo do seu interior.